ENTREVISTA

Cem anos do Instituto de Pesquisa Social. Entrevista com Martin Jay

Martin Jay

Bruna Della Torre¹ e Eduardo Altheman²

Conhecido pela escrita de *A imaginação dialética*, uma das primeiras histórias intelectuais da Escola de Frankfurt, publicada originalmente em 1973, Martin Jay é professor emérito da Universidade de Berkeley na Califórnia e membro da Sociedade Americana de Filosofia. Além do livro supracitado, que marcou a recepção da teoria crítica mundo afora, Jay também é autor de outros textos fundamentais para a compreensão dessa tradição de pensamento, como *Marxism and Totality: The Adventures of a Concept from Lukács to Habermas* [Marxismo e totalidade: aventuras de um conceito de Lukács a Habermas], *As ideias de Adorno, Reason After Its Eclipse: On Late Critical Theory* [A razão após seu eclipse: sobre a teoria crítica tardia], *Immanent Critiques: The Frankfurt School under Pressure* [Críticas imanentes: a Escola de Frankfurt sob pressão], entre outros. Essa entrevista foi realizada no dia 30 de maio de 2023 por e-mail.

Bruna e Eduardo: Gostaríamos de começar com uma pergunta sobre o início do Instituto de Pesquisa Social (IfS). Em seu livro, A imaginação dialética,³ você conta que o Instituto foi, no começo, próximo do Instituto Marx-Engels em Moscou (sob a direção de Ryazanov) e que teve um papel importante no envio dos manuscritos inéditos de Marx e Engels da sede de Berlim do SPD para a União Soviética. Nessa época, o diretor ainda não era Max Horkheimer, apesar de este participar do IfS. Sabemos que esse material foi fundamental para Lukács, por exemplo, que teve acesso aos documentos na Rússia. Mas o quanto e o quê foi lido de Marx na primeira geração da Escola de Frankfurt, ainda é tema de debate por parte de sua fortuna crítica. O fato de alguns desses autores não citarem extensa e explicitamente os

1 Bruna Della Torre, Instituto de Pesquisa Social, Frankfurt am Main, Alemanha. Max Horkheimer Fellow, Otto Brenner Stiftung. E-mail: bru.dellatorre@gmail.com

2 Eduardo Altheman, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Bolsista do PNPd/CAPES, processo 88887.363826/2019-00. E-mail: eduardo.altheman@gmail.com

3 Jay, M. (2018). *A imaginação dialética*. Rio de Janeiro: Contraponto.

textos de Marx fez com que muitos intérpretes vissem na Escola de Frankfurt um afastamento da obra marxiana. Certamente, houve uma reconsideração do marxismo após as decepções políticas com o SPD e o KPD nas décadas de 1920 e 1930. Mas será que o mesmo vale para a própria obra de Marx?

Martin Jay: O tratamento histórico mais extenso da colaboração do Instituto com o Instituto Marx-Engels de Ryazanov na produção da MEGA apareceu recentemente na nova biografia de Felix Weil, escrita por Hans-Peter Gruber e intitulada *Aus der Art Geschlagen*.⁴ Ryazanov havia estudado com Carl Grünberg, o primeiro diretor do Instituto, em Viena e conhecia Felix Weil. Por meio dos esforços de Alfred Braun, um oficial do Partido Socialdemocrata alemão (SPD), a relutância de Eduard Bernstein em trabalhar com uma organização soviética foi superada, e cerca de 150.000 páginas de material dos arquivos do SPD foram fotocopiadas no Instituto e transferidas para Moscou. Em 1926, Weil visitou Ryazanov na capital soviética para ajudar a avançar os esforços conjuntos, mas a viagem acabou sendo um fracasso e a colaboração terminou logo depois. Friedrich Pollock também estava pesquisando o planejamento econômico soviético naquele período e voltou desapontado com os resultados. Ryazanov e outros membros da equipe que trabalhava na MEGA em Moscou, tal como Karl Schmückle, que esteve presente na famosa Primeira Semana de Trabalho Marxista em 1922 e era membro do Partido Comunista Alemão (KPD), acabaram morrendo nos expurgos de Stalin.

Apesar do final infeliz da colaboração entre o MEI e o Instituto, a MEGA acabou sendo um recurso extremamente valioso para os estudiosos da teoria marxista e da complicada parceria de Marx e Engels. Mas, como vocês apontam, isso não significa que os principais teóricos do Instituto, especialmente depois que Horkheimer assumiu a direção, tenham se tornado leitores atentos dos textos que haviam sido preservados ou defensores ferrenhos das ideias ali representadas. Herbert Marcuse, com certeza, estava interessado nos escritos do jovem Marx, que ele leu através das lentes da filosofia de Heidegger, seu professor, mas somente antes de se tornar um membro oficial do Instituto. Muitos anos depois, Erich Fromm foi um dos principais expoentes do humanismo marxista e ajudou a popularizar os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* no mundo anglófono. Mas isso foi bem depois de seu cargo no Instituto, que terminou em 1939. Nem Horkheimer, nem Adorno, e tampouco outros membros do Instituto como Leo Lowenthal tendiam a citar os textos de Marx, sejam eles de juventude ou maturidade, como fontes autorizadas para seus argumentos, mesmo que achassem muitas de suas ideias convincentes.

⁴ Gruber, Hans-Peter. (2022). *Aus der Art geschlagen: Eine politische Biografie von Felix Weil (1898-1975)*. Frankfurt: Campus Verlag.

Essa relutância, no entanto, não significou um simples “afastamento da obra marxiana”. Ela refletia, no nível mais superficial, uma continuação da tática “esopiana” do Instituto de dourar a pílula em relação a suas raízes teóricas de esquerda, que desde o início Weil queria evitar colocar em primeiro plano para assegurar um espaço na Universidade de Frankfurt. Essa cautela refletiu-se, por exemplo, em sua decisão de não considerar Karl Korsch para diretor do Instituto após a morte repentina de sua escolha inicial, o sociólogo marxista Kurt Albert Gerlach. Quando forçado ao exílio na América, o Instituto foi ainda mais cauteloso em revelar seu pedigree marxista, o que poderia ter ameaçado sua posição na Universidade de Columbia.

Porém, mais substancialmente, os principais teóricos críticos não estavam dispostos a seguir o exemplo dos marxistas ortodoxos que pensavam poder encontrar as respostas para todas as perguntas na “escritura sagrada” da própria obra de Marx. Nem mesmo os *Manuscritos de 1844*, que pareciam confirmar a leitura hegeliana do marxismo de Lukács, foram tratados como teoricamente válidos em todos os aspectos. Eles relutavam, por exemplo, em privilegiar a alienação do trabalho como fonte de todos os males da modernidade, por causa de sua desconsideração implicitamente antropocêntrica pelo sofrimento do mundo natural e pelo exagero do papel do trabalho em geral.

A teoria crítica sempre foi aberta, embora com considerável debate interno, a ideias não marxistas, por exemplo, da psicanálise. Com a entrada de Walter Benjamin nas páginas do *Zeitschrift für Sozialforschung*, uma voz ainda mais heterodoxa e eclética foi adicionada à mescla. As figuras marxistas mais ortodoxas dos primeiros anos - por exemplo, Henryk Grossmann e Karl August Wittfogel - foram marginalizadas depois que Horkheimer assumiu a direção, mas a teoria crítica nunca cortou seus vínculos com seu *background* marxista, por mais atenuado que ele tenha se tornado. Seus expoentes permaneceram resolutamente críticos ao capitalismo, à mercantilização da cultura, à instrumentalização da razão e à hegemonia do valor de troca, que eles equiparavam ao pensamento da identidade em termos filosóficos. Eles eram desafiadoramente materialistas em sua ênfase na felicidade corporal e se opunham à naturalização de formas historicamente fundamentadas de opressão, e nunca perderam a esperança de que um dia elas pudessem ser superadas. Mas eles também assinalaram as mudanças históricas que tornaram a fidelidade acrítica às ideias geradas nas diferentes condições da época de Marx, como o papel emancipatório do proletariado, não mais totalmente aplicável em seu tempo. E eram igualmente desconfiados da filosofia triunfalista da história que havia permitido aos marxistas anteriores suspender julgamentos morais sobre os meios que empregavam, incluindo a violência, para incitar a revolução.

B&E: *No início, sob a direção de Carl Grünberg e de seu Archiv, o Instituto dedicava-se à pesquisa da história da classe trabalhadora alemã. Quando Horkheimer assumiu, privilegiou a investigação das posições (e atitudes) dos operários referentes aos problemas da Alemanha. Você sugere que houve até mesmo uma colaboração com a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Como você vê o lugar do trabalho e das classes sociais, dois temas clássicos do marxismo, no projeto do IfS nesse período?*

MJ: Durante os seus primeiros sete anos de existência, aproximadamente, a história e a situação atual do proletariado na Alemanha e em outros lugares do mundo continuaram sendo o foco do trabalho do Instituto, e a tradicional esperança marxista de que ele pudesse atuar como agente da mudança radical ainda não havia sido totalmente abandonada. Na década de 1930, o Instituto continuou a investigar a mudança de papel da classe trabalhadora. Um exemplo é um projeto do veterano sindicalista holandês Andries Sternheim sobre trabalhadores e tempo de lazer, realizado em sua filial em Genebra. Os ambiciosos estudos que realizaram nos anos pré-guerra sobre a relação entre família e autoridade também se concentravam nas experiências da classe trabalhadora. Na década de 1940, eles estavam interessados em avaliar a vulnerabilidade dos trabalhadores americanos ao antissemitismo, um projeto cujos resultados alarmantes fizeram com que o estudo não fosse divulgado imediatamente. Assim, pelo menos no trabalho empírico do Instituto, o proletariado continuou sendo objeto de interesse.

Talvez o projeto mais importante que eles realizaram em relação à classe trabalhadora tenha sido a investigação empírica, com orientação psicanalítica, conduzida entre 1929 e 1931, sobre a lacuna entre seu radicalismo político consciente e suas inclinações conservadoras, e até mesmo autoritárias, inconscientes. Dirigido por Erich Fromm, que escreveu os resultados em 1937 e 1938 pouco antes de deixar o Instituto, *The Working Class in Weimar Germany: A Psychological and Sociological Study* não foi publicado, entretanto, até 1980. Apesar de uma série de diferenças, seu método antecipou o trabalho muito mais influente sobre *A personalidade autoritária*, concluído na década seguinte em conjunto com o Grupo de Estudos sobre a Opinião Pública de Berkeley.⁵

Contudo, é importante reconhecer que nenhuma das figuras centrais do Instituto provinha da classe trabalhadora. Nos termos popularizados posteriormente por Gramsci, eles eram intelectuais “tradicionais” e não “orgânicos”, o que, é claro, também se aplica aos próprios Marx e Engels. Sem articulá-lo diretamente, pode-se afirmar que a liderança do Instituto compartilhava tacitamente da famosa reprimenda de Marx a Wilhelm Weitling, o alfaiate inculto que reclamou da obscuridade de seus

5 Adorno T. W.; Frenkel-Brunswik, E.; Levinson, D. J. e Sanford, N. (1950). *The Authoritarian Personality*. New York: Harper and Brothers.

escritos teóricos: “A ignorância nunca ajudou ninguém”. Eles tampouco sentiram qualquer pressão para escrever em um nível de acessibilidade que pudesse atingir um público amplo de leitores. Walter Benjamin, influenciado por sua amizade com Bertolt Brecht, tentou superar a lacuna entre intelectuais e trabalhadores em seu ensaio de 1934 “O autor como produtor”. Apresentado como uma palestra para o efêmero Instituto para o Estudo do Fascismo em Paris, o texto não foi, entretanto, publicado no *Zeitschrift für Sozialforschung* e não representava o pensamento dominante da Escola de Frankfurt. Seus colegas no exílio em Nova York nunca foram forçados, como ele, a escrever para sobreviver e, portanto, não tinham uma noção real do que a proletarização da vida intelectual poderia implicar.

Apesar de todo o seu ceticismo quanto à consciência ambivalente da classe trabalhadora e da falta de conexão pessoal com suas experiências, a Escola de Frankfurt nunca descartou a premissa básica do marxismo de que o capitalismo era uma sociedade de classes injusta. Embora reconhecessem que a luta de classes havia se abrandado no que Marcuse chamaria de “uma sociedade unidimensional” e Adorno de “o mundo administrado”, eles não adotaram a ideia de uma “sociedade de massas” totalmente atomizada na qual as distinções de classe teriam sido de alguma forma superadas. Mas eles não nutriam ilusões a respeito dos obstáculos que impediam as classes “em si” de se tornar “para si” e adotar a consciência revolucionária que Marx presumira que viriam a compartilhar. Eles também nunca se sentiram à vontade para afirmar, como Lukács fizera, que um partido de vanguarda poderia representar a “consciência de classe adjudicada” que a teoria presumia estar latente sob a superfície da “consciência de classe real” comprometida e ambivalente do proletariado.

B&E: Vários comunistas passaram pelo IfS, como Karl Wittfogel, Franz Borkenau e Henryk Grossmann, embora a filiação política não tenha sido a regra na trajetória dos principais integrantes da Escola de Frankfurt. Mas isso indica que havia debates políticos e sabemos que as obras de Hilferding e Lênin, por exemplo, foram debatidas e que Horkheimer admirava Rosa Luxemburgo. A relação da teoria crítica com os teóricos comunistas clássicos ainda aparece como algo nebuloso. Você poderia comentar isso?

MJ: Durante os primeiros anos do Instituto, a situação política na Alemanha ainda era instável, e a bolchevização total do KPD como um instrumento subserviente aos interesses soviéticos não foi realmente concluída até 1925. Várias figuras na órbita do Instituto durante esses anos eram membros do Partido ou próximas a ele. Além dos três que vocês mencionaram (Grossman, creio, não pertencia ao partido

alemão, mas ao polonês), Richard Sorge e Eduard Fuchs eram do KPD, e Felix Weil tinha relações próximas com Zinoviev e o Comintern, fornecendo-lhe até mesmo inteligência durante sua estadia na Argentina. Karl Korsch, presença importante nos anos de fundação do Instituto, permaneceu no Partido até 1926.

Mas Weil estava determinado a evitar a imposição de uma uniformidade ideológica monolítica sobre o que foi projetado para ser uma instituição de pesquisa em uma universidade estabelecida, não um *think tank* partidário. O Instituto estava deliberadamente aberto a um espectro de teóricos que ia da ala esquerda do KPD à ala direita do SPD. Conforme mostrou a viagem de pesquisa de Pollock à União Soviética, eles estavam abertos à possibilidade de que a URSS pudesse fornecer um modelo para a transição para uma sociedade genuinamente socialista, mas foram dissuadidos no final da década de 1920. Até onde sei, seus principais membros tornaram-se cada vez mais cautelosos quanto ao modelo leninista de partido de vanguarda, muitas vezes ecoando o argumento contrário de Luxemburgo, e só tinham desprezo por Stalin. Eles certamente tinham pouco respeito pelo Materialismo Dialético dogmático que veio a dominar a filosofia soviética, e aparentemente demonstraram pouco interesse por Trotsky (com exceção de algumas referências de Benjamin na década de 1930).

B&E: No prefácio de 1995 para A imaginação dialética, você ressalta como a recepção da teoria crítica sempre esteve emaranhada em uma série de embates eminentemente políticos: seja em meio ao ativismo estudantil de 1968, a luta por direitos civis e os Panteras Negras nos EUA, a redemocratização alemã após o nazismo, as acusações de traição de todos os lados - do Pravda ao próprio movimento estudantil -, a Escola de Frankfurt parecia sempre estar no meio de um furacão político. O que, por sua vez, sempre influenciou sua recepção teórica. Como você enxerga esta tensa relação entre teoria e prática no Instituto, seja em sua fundação, seja hoje?

MJ: Se levarmos a sério a distinção entre “teoria tradicional” e “teoria crítica” estabelecida no ensaio programático de Horkheimer de 1937, esta última é definida por seu compromisso com a transformação do mundo, e não apenas sua interpretação. Como tal, parece endossar o imperativo da famosa 11ª Tese de Marx sobre Feuerbach, que exigia que a teoria crítica encontrasse uma maneira de incitar a práxis radical. Mas nos noventa e dois anos que separam os dois documentos, muita coisa mudou. A década de 1840 foi um período de esperança pré-revolucionária em que o jovem Marx sentia teorizar aquilo que estava realmente acontecendo no mundo ao seu redor: uma crise objetiva do capitalismo e o despertar subjetivo da classe proto-universal que cavaria seu túmulo. Apenas alguns anos depois, a Europa estava de fato envolvida em uma revolução, que certamente foi em larga medida um fracasso, mas ele nunca

abandonou a esperança de que a unidade entre teoria e prática ainda pudesse ser uma possibilidade. Conforme mostrou sua resposta entusiástica à Comuna de Paris, ele acreditava que a revolução não havia sido desperdiçada, apenas adiada.

Em 1937, o movimento político mais dinâmico era o fascismo, que levava Horkheimer e seus colegas ao exílio. E, por meio de seus implacáveis expurgos de qualquer oposição ao governo ditatorial de Stalin, a União Soviética estava destruindo qualquer reivindicação de ser uma força progressista. Embora os membros do Instituto ainda tivessem alguma esperança residual na possibilidade de uma mudança radical - expressa, por exemplo, no ensaio de Horkheimer de 1940 sobre “O Estado Autoritário” -, eles estavam cada vez mais chegando à conclusão que Adorno viria a publicar na *Dialética negativa*: “A filosofia, que antes parecia antiquada, permanece viva porque o momento de sua realização foi perdido”.⁶ Haveria uma possibilidade para outro momento no futuro? A famosa metáfora de Adorno de mensagens numa garrafa jogadas ao mar para as gerações posteriores abrirem sugere que ele ainda tinha esperança, mas, naquele momento, o que Habermas chamaria de uma “estratégia de hibernação” da Escola de Frankfurt parecia mais prudente. Algumas dessas garrafas, porém, foram abertas na década de 1960 por um movimento estudantil menos disposto a esperar, com resultados bem conhecidos. Não surpreendentemente, os membros da primeira geração da Escola de Frankfurt, com a exceção de Marcuse, foram frequentemente acusados de trair o imperativo de transformar o mundo que havia definido a teoria crítica em sua formulação clássica.

Ironicamente, a segunda geração da Escola de Frankfurt, liderada por Jürgen Habermas, encontrou uma maneira de reunir teoria e prática, mas apenas ao rejeitar os intentos utópicos da primeira geração e remodelá-los em uma direção mais democrática do que revolucionária. O que quer que se pense sobre o preço dessas mudanças, é preciso admitir que Habermas tem sido um modelo exemplar de filósofo engajado, cujas intervenções em uma longa série de debates políticos mostram que a 11ª Tese sobre Feuerbach ainda pode fornecer inspiração para o ativismo em uma era em que a maioria dos intelectuais, desiludida com os fracassos dos movimentos radicais, prefere refugiar-se em suas torres de marfim.

B&E: *Seja nos projetos de um materialismo interdisciplinar, seja em fases posteriores da Escola de Frankfurt, certo arranjo institucional parece ter sido crucial para o “sucesso” de sua empreitada. É possível conjecturar que, caso fosse alojada em um departamento específico (digamos, de filosofia, sociologia, psicologia ou literatura, por exemplo), a Escola não teria sido capaz de realizar aquilo que foi capaz de fazer, deixando uma marca indelével na história do pensamento e da política no século XX.*

⁶ Adorno, T. W. (1996). *Negative Dialektik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, p. 11.

Você poderia comentar o que pensa deste encontro tão profícuo de áreas, backgrounds e posicionamentos em um ambiente verdadeiramente transdisciplinar e apartado de um departamento específico? Hoje, parece que somos cada vez mais cobrados a nos definirmos inequivocamente por UMA área do saber, com UMA metodologia definidora, UM objeto particular. De que modo a configuração do Instituto pode nos ajudar a desafiar o particularismo da ciência hoje?

MJ: Essa é uma pergunta difícil, pois não existe uma resposta única. O isolamento de diferentes disciplinas, cada uma voltada para si mesma e incapaz de se engajar em um diálogo produtivo com outras, tem preços óbvios. Mas a integração sintética forçada de diferentes disciplinas - o que o sociobiólogo americano Edward O. Wilson certa vez defendeu sob a bandeira da “consiliência” -, que muitas vezes significa a tomada hostil de controle da maioria das outras por uma disciplina que reivindica liderança hegemônica, também os possui. Em sua longa história, a Escola de Frankfurt experimentou diversos modelos de trabalho interdisciplinar. O mais ambicioso foi ensaiado quando Horkheimer assumiu a direção do Instituto em 1930 e procurou reunir uma equipe de estudiosos trabalhando conjuntamente sob a orientação do que ficou conhecido como teoria crítica. Seu pressuposto básico era que, para entender a totalidade social, era preciso totalizar o conhecimento por meio da integração de diferentes abordagens que forneciam apenas um conhecimento parcial do todo. Ele resultou em projetos colaborativos, por exemplo, os estudos sobre autoritarismo e família, que tiveram resultados promissores, mas nunca totalmente satisfatórios. A unidade entre teoria e pesquisa empírica, assim como entre teoria e prática, mostrou-se mais esquiva do que o previsto.

Com o tempo, um modelo diferente, que eu identificaria mais com a ideia de “dialética negativa” de Adorno, substituiu tacitamente o anterior. Ele aceitava a autonomia relativa das diferentes disciplinas, ou ao menos sua não identidade, e acolhia os resultados frequentemente discordantes produzidos pela justaposição de suas distintas abordagens. Isto é, dado que o todo social presente era mais bem compreendido como ele próprio ainda cindido por conflitos (ou, em termos marxistas, contradições), era impossível reconciliá-los apenas em um nível intelectual ou acadêmico. Tentar fazê-lo seria imitar a ideologia da unidimensionalidade que descrevia apenas a superfície das relações sociais atuais, ao invés da realidade fraturada subjacente. A metáfora de uma constelação ou campo de força substituiu a de um todo orgânico para caracterizar as interações metodológicas que poderiam ajudar a iluminar tal sociedade não integrada. Em outras palavras, a resposta ao isolamento disciplinar não é a harmonização interdisciplinar, mas um intercâmbio dinâmico entre diferentes abordagens de questões comuns, até mesmo uma disposição de chocar umas contra as outras na esperança de que as centelhas resultantes produzam as “iluminações profanas” buscadas por Walter Benjamin.

B&E: Neste mesmo prefácio, você comenta certa situação no mínimo inusitada que teria feito da teoria crítica uma corrente, de certo modo, canônica em diversas áreas do conhecimento. Naquele momento, era possível encontrar professores titulares de filosofia, sociologia, ciência política, estética, dentre outros campos, dedicados à teoria crítica ou legatários de suas contribuições. Você acha que este quadro se mantém em nossos dias?

MJ: Quando escrevi o prefácio para a segunda edição de *A imaginação dialética* em 1996, a situação, ao menos na vida acadêmica estadunidense, havia mudado o suficiente para que eu pudesse dizer que a teoria crítica havia se estabelecido em muitos campos diferentes. Desde então, a disseminação de sua influência, julgo ser justo dizer, só aumentou, com muitas diferenciações internas saudáveis, é claro: defensores da primeira geração da teoria crítica versus partidários da segunda; teóricos críticos que se inspiram em outras tradições, como o pós-estruturalismo francês, versus aqueles que querem evitar um sincretismo debilitante; aqueles que se concentram inteiramente na cultura ou na estética versus aqueles que querem destacar as questões econômicas ainda suscitadas pelo capitalismo e nunca resolvidas.

Como seria de esperar, no entanto, com a importância acadêmica veio uma certa diminuição da energia de confronto e ruptura da teoria crítica em comparação a quando ela era totalmente marginalizada e deixada de lado. Nas décadas de 1960 e 1970, quando um periódico emergente como *Telos* promoveu o trabalho amplamente desconhecido de marxistas ocidentais, incluindo a Escola de Frankfurt, ele o fez na esperança de fornecer orientação teórica para uma Nova Esquerda nascente. Esses dias já se foram, à medida que *Telos* voltou-se para figuras alternativas como Carl Schmitt para alimentar seu descontentamento cada vez mais populista com o status quo, e a Nova Esquerda esvaeceu na história.

Hoje, ironicamente, a Escola de Frankfurt foi descoberta pela *alt-right* nos EUA e em outros lugares (incluindo o Brasil, se Olavo de Carvalho servir de referência) e é culpada por ter sido tão bem-sucedida em doutrinar estudantes que é responsável por todos os pecados de “politicamente correto” e “wokeness”, incluindo a “teoria crítica da raça”. Por mais perversamente lisonjeira que essa acusação possa ser, ela é extremamente exagerada. As pessoas racializadas não precisavam ler Horkheimer, Marcuse ou Adorno para descobrir que eram vítimas de racismo sistemático nos Estados Unidos. E alegações como as de Olavo de que Adorno era o autor secreto da música dos Beatles são idiotas demais para se levar a sério.

B&E: Você tem um livro sobre o pós-estruturalismo, *Downcast Eyes: The Denigration of Vision in Twentieth Century French Thought*. Depois dele, as teorias pós-coloniais,

feministas, queer e as discussões do antropoceno desafiam ainda mais uma teoria crítica do presente. Como você vê o problema da totalidade hoje diante dessas questões? O Instituto, quando foi criado, como você discute em A imaginação dialética, visava abordar assuntos que não entravam na universidade como o antisemitismo e a história do movimento trabalhista. Seguindo com a pergunta: a teoria crítica precisa absorver debates políticos que hoje continuam não entrando na Universidade? Penso, por exemplo, no isolamento do marxismo na Alemanha, mas também na dificuldade de incorporar os debates feministas e pós-coloniais, por exemplo, ao currículo universitário em vários lugares do mundo.

MJ: O desafio da análise holística de uma perspectiva marxista foi o foco de meu livro anterior, *Marxism and Totality*, que tratou de uma ampla gama de pensadores marxistas ocidentais, de Lukács a Habermas. Ele acaba com uma visada sobre os teóricos pós-estruturalistas franceses que estavam então – o livro foi publicado em 1984 – ganhando proeminência no mundo anglófono. Sua chegada apenas intensificou o que se poderia chamar de pluralização de teorias críticas, inclusive aquelas que vocês mencionaram, que resistiam a ser subsumidas sob a égide de qualquer uma delas, inclusive o marxismo. Todas as tentativas de integrá-las ou postular uma narrativa mestra tornaram-se cada vez mais precárias. Uma estratégia cumulativa segundo a qual todas as abordagens mais recentes - feminismo, estudos pós-coloniais, teoria *queer*, estudos sobre deficiência, crítica ecológica etc. - eram simplesmente adicionadas às anteriores com uma ênfase nas desigualdades de classe ou políticas mostrou-se inadequada porque evitava as tensões entre elas e a dificuldade de estabelecer prioridades explicativas. O que Habermas chamaria de uma “nova inescrutabilidade” [*new unsurveyabilty*] significa que não havia uma posição estratégica totalizante capaz de conferir sentido a tudo.

Uma resposta possível foi um recuo para a análise micrológica, uma espécie de *close reading* dos detalhes nos quais se afirmou notoriamente que Deus habitava (de acordo com Aby Warburg ou Mies van der Rohe, dependendo de sua fonte). A esperança era que algum tipo de relação analógica ainda existisse entre o micro e o macrocosmo, embora não fosse fácil mostrar qual ela realmente era. Outra abordagem foi o que veio a ser chamado de “interseccionalidade”, segundo a qual o reforço sobreposto de diferentes relações de poder (baseadas em classe, gênero, raça etc.) revelou as maneiras pelas quais os objetos granulares da análise micrológica eram na verdade os pontos nodais de redes relacionais. Embora possa não ser fácil aninhar tais redes em meta-redes cada vez mais amplas e abstratas, ao menos pode se reconhecer a interpenetração de fenômenos aparentemente isolados. Uma terceira abordagem envolveu o que chamei acima de campo de força ou constelação de elementos não harmonizáveis, criando uma interação dinâmica irreduzível a

seus elementos constituintes, ao mesmo tempo em que nunca se congela em uma totalidade harmoniosa. Na origem de uma constelação ou campo de força, não se situa um totalizador genético ou expressivo. Trata-se de um todo descentrado, cuja estrutura interna é inerentemente instável e cujos limites são porosos. Mas adotá-la como uma metáfora sugestiva fornece uma maneira de pensar sobre interações em larga escala e padrões de coerência pelo menos temporária.

A ironia do colapso da totalidade como uma categoria teórica viável é que ela ocorreu quando vigorosas forças aglomeravam o que tão frequentemente parecem ser os fragmentos mal ajustados de um todo estilhaçado. Não apenas o capitalismo ainda trabalha para integrar em seu sistema aquilo que luta para permanecer fora dele, mas a revolução digital nas comunicações criou pressões extraordinárias para superar o isolamento cultural. O que foi chamado de “*world wide web*” erodiu as diferenças locais mais rapidamente do que qualquer coisa desde a invenção da imprensa. E, talvez o mais impressionante, a crise climática global criou um desafio que a humanidade só pode enfrentar por meio de um esforço coletivo conjunto, se ainda houver tempo. Então, quer tenhamos ou não as ferramentas conceituais para conferir sentido a tudo isso, um foco apenas em questões locais e problemas específicos não pode dar conta dos desafios de meta-nível que espreitam no futuro.

B&E: Hoje, com a ascensão de projetos de extrema-direita pelo mundo, certo interesse pela Escola de Frankfurt é renovado. Figuras como Donald Trump e Jair Bolsonaro situaram obras como A personalidade autoritária, Behemoth, Estado autoritário, Prophets of Deceit, entre outras, no centro de um debate sobre a natureza da cena política contemporânea. Sabemos que o IfS sofreu um impacto enorme com a ascensão de Hitler, que alterou tanto seu destino físico e geográfico, quanto a produção teórica realizada por seus membros. A série de debates em Columbia em 1941 foi dedicada integralmente a este tema. Em muitos casos, acabou determinando também a própria carreira de alguns teóricos críticos (pensemos, por exemplo, em Marcuse, Neumann e Kirchheimer, que foram trabalhar no esforço de guerra em Washington). Você poderia comentar quais são os legados da teoria crítica de Frankfurt para a análise do fascismo hoje?

MJ: A despeito de todas as semelhanças sinistras entre a radicalização da direita no período entreguerras e o populismo autoritário de hoje, eu hesitaria em aplicar o termo “fascismo” a ambos. Por exemplo, enquanto o fascismo entreguerras era expansionista e agressivo no cenário internacional, muitos populistas autoritários contemporâneos são isolacionistas e desconfiam de aventuras internacionais. Uma das ironias da presidência de Trump foi sua hostilidade à crença de que os Estados

Unidos deveriam policiar o mundo e estender sua influência por meio da propagação de nossos valores via intervenção militar, um erro que ele atribuiu a republicanos neoconservadores como Bush e Cheney, com suas invasões do Iraque e Afeganistão. A ideologia do MAGA [*Make America Great Again*] pode ter muitas semelhanças com movimentos de direita precedentes, mas não apoia a agressão fascista típica.

Dito isso, é verdade que, no populismo autoritário de hoje, há muitos ecos de atitudes e táticas políticas fascistas anteriores para sermos complacentes. Há várias maneiras pelas quais a análise anterior da Escola de Frankfurt tem parecido útil para explicar seu sucesso preocupante. Por exemplo, as investigações das técnicas usadas por demagogos feitas por Leo Lowenthal (junto com Norbert Guterman) em *Prophets of Deceit* e Adorno em seu estudo das transmissões de rádio de Martin Luther Thomas ainda são muito elucidativas para explorar as táticas de manipulação de suas contrapartes contemporâneas. Os *Studies in Prejudice*, em particular *The Authoritarian Personality*, fornece insights sugestivos sobre os fundamentos irracionais do pensamento radical de direita (e talvez também de extremistas de esquerda).

No entanto, sou um tanto relutante em patologizar oponentes políticos muito rapidamente, porque isso assume arrogantemente que as posições ocupadas pelo meu lado são inerentemente “normais” e “racionais”. Se transformarmos nossos oponentes em malucos com distúrbios de personalidade, ou os enxergarmos como meras vítimas passivas de um sistema que os controla, interditamos qualquer chance de convencê-los por meio da argumentação sobre seus reais interesses. Pode ser ingênuo colocar nossa fé no poder do melhor argumento em todos os casos, mas a essência da política democrática e da tolerância genuína das diferenças é agir como se acreditássemos que isso é possível. Também corremos o risco de fornecer a supostas personalidades autoritárias uma desculpa psicológica para suas ações ou crenças problemáticas, o que significa que não podem ser responsabilizados moralmente pelo que realmente fazem.

Talvez um legado mais valioso da teoria crítica seja o trabalho incompleto realizado sobre a ideia de uma “sociedade de *rackets*”, que usei em um artigo recente analisando os paralelos entre a presidência de Trump e o filme *O Irlandês*, de Martin Scorsese.⁷ Em ambos os casos, o domínio de regras impessoais, como as de um sistema legal e do mercado, é suspenso em prol de relações pessoais de proteção e lealdade. Neste, tudo é transacional e baseado no poder, e não no princípio. Em um mundo cínico e antinomiano governado pela mentalidade de *racket*, você deve fidelidade a protetores pessoais, e não a princípios abstratos. A crença de Trump de que ele pode operar além da lei e que as pessoas devem ser leais a ele em vez de,

⁷ Jay, M. (2020). Trump, Scorsese, and the Frankfurt School's Theory of Racket Society. *London Review of books*.

digamos, à Constituição representa uma séria ameaça à sobrevivência da democracia na América hoje.

B&E: *Um dos projetos aglutinadores do Instituto foi o da Ideologiekritik. Quase todos os membros associados à Escola dedicaram-se, mais cedo ou mais tarde, a desenvolver sua versão da crítica da ideologia reinante. Esta poderia ser o heroísmo folclórico do terceiro Reich ou a coluna de astrologia do Los Angeles Times, mas foi virada do avesso pelos teóricos críticos que visavam demonstrar sua “irracionalidade racionalmente aplicada”, para utilizar uma fórmula de Adorno. Nos anos 1990, esta abordagem foi duramente criticada por diversas correntes que questionavam seus fundamentos objetivos. Hoje, em uma época de negacionismos de diversas ordens - do ambiental ao democrático, da vacinal ao científico -, impulsionados por algoritmos e plataformas sem nenhum compromisso com a ideia de verdade, como retomar este velho projeto da Escola de Frankfurt pode nos ajudar a navegar esta situação aparentemente caótica?*

MJ: Em sua forma mais simplista, a crítica da ideologia pode ser acusada de assumir uma diferença radical entre a consciência “verdadeira” e a “falsa”, sendo aquela por vezes identificada com a racionalidade científica. Essa atitude abre as portas para a reprimenda de que ela se baseia em uma suposição não questionada da superioridade do “nosso” pensamento - muitas vezes entendido como “progressista”, “moderno”, “ocidental” ou “eurocêntrico” - sobre o “deles”, estigmatizado como “atrasado”, “primitivo”, “irracional” etc. Contudo, se a crítica é entendida como incluindo a autocritica e a razão é identificada não com o método científico, mas com o intercâmbio dialógico de razões e o direito universal às justificativas, as relações de poder assimétricas subjacentes à noção anterior de crítica da ideologia podem ser mitigadas. Em *Reason after its Eclipse: On Late Critical Theory*,⁸ tentei explicar as implicações dessa redefinição do significado de crítica das ideologias, que pode ser identificada por sua recusa em justificar-se por meio do melhor argumento. Na geração atual de teóricos críticos, considero o trabalho de Rainer Forst o mais persuasivo em defender essa posição.

B&E: *Em seu discurso de posse como diretor do Instituto, Horkheimer fala de “uma crise da sociedade” e uma “crise do marxismo”. A tarefa da teoria crítica, nesse sentido, seria enfrentar ambas as crises. Você acha que esse diagnóstico se mantém?*

⁸ Jay, M. (2017). *Reason after its Eclipse: On Late Critical Theory*. Madison: University of Wisconsin Press.

MJ: O assunto da crise, é claro, existe há muito tempo. Conforme Benjamin certa vez afirmou, estamos vivendo em um “estado de emergência” permanente, e não está claro se algum dia recuperaremos a enfadonha rotina de um estado estabelecido de normalidade, supondo que tal coisa sequer tenha existido. O próprio Marx, deve-se lembrar, notoriamente disse que “tudo o que é sólido desmancha no ar”, e isso na década de 1840. O conhecido estudo de Reinhard Koselleck, *Crítica e Crise*, argumentou que ambas já estavam entrelaçadas durante o Iluminismo

Se uma “crise do marxismo” específica ainda é ou não uma parte importante da crise em curso da sociedade depende de seu compromisso com sua promessa de enfrentar os desafios do século XXI. Com o colapso da maioria dos regimes “socialistas realmente existentes” no final do século passado e o histórico, para dizer o mínimo, pouco inspirador de alguns regimes sobreviventes em nosso próprio século, como o da Coreia do Norte, é difícil ser otimista sobre o futuro do marxismo como a inspiração teórica de uma alternativa emancipatória ao capitalismo. Embora haja momentos em que desempenhe um papel de orientação para a atual resistência à opressão ao redor do mundo, nada parecido com o aumento de seu interesse durante a década de 1960 parece estar no horizonte. Ocasionalmente, um teórico isolado como Alain Badiou na França parece soprar as brasas, mas o fogo nunca realmente acende. Então, em certo sentido, acho que podemos parafrasear o lamento de Adorno na *Dialética negativa* de que “o momento para a realização da filosofia foi perdido” como “o momento da crise do marxismo acabou”.⁹ Isso não quer dizer que não possamos aprender muito com as questões colocadas por ele e com as lutas que enfrentou para tentar respondê-las, apenas que agora está cada vez mais claro que sua “crise”, entendida como um momento crucial ou ponto de virada em que seu futuro está indeciso, passou para a história. Tenho certeza de que esta resposta não deixará alguns de seus leitores satisfeitos e eu ficaria feliz se descobrir que estou errado. Mas eu mesmo não consigo reunir a confiança necessária para reverter essa conclusão.

⁹ Adorno, T. W. (1966). *Negative Dialektik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, p. 11.